

SÃO JOÃO DE COVAS EM 1758

Memória paroquial, toponímia e património (I)

É retomado o tema das «Memórias Paroquiais de 1758», tendo como enfoque a paróquia de Covas, unidade administrativa atualmente integrada na União de Freguesias de Covas e Figueiras, do concelho de Lousada. Um dos aspetos que mais ressalta nestes inquéritos Setecentistas é a diversidade do conteúdo neles compreendidos, que permitem amiúde conhecer os mais relevantes traços que à época caracterizavam a paróquia no tocante à terra, à serra e aos rios, pelo que a análise dada a cada quesito admite acerrar de um vasto e muito variado conjunto de assuntos, traduzindo-se, por tal razão, no mais completo quadro da realidade sociocultural, económica, política, geográfica, etc., vivenciado na paróquia de Covas por meados do século XVIII.



1. COVAS - A PARÓQUIA E A SUA IGREJA

Em 1220, nas inquirições de Afonso II, Covas surge com a denominação de São João de Sousela, denunciando uma relação de antanho com as freguesias contíguas de Santa Maria de Sousela, de Santa Ovaia de Sousela (Santa Eulália da Ordem) e da extinta do São Salvador de Moreira de Sousela. Não sabemos que unidade era esta sob a qual se fundiram, através da toponímia, quatro freguesias.

As inquirições de 1258 revelam-nos que a Igreja de “*Sancti Johannis de Covis*” pertencia à Ordem do Hospital, que a obteve de D. Gonçalo Mendes de Sousa e que a confirmação do pároco pertencia ao arcebispo de Braga. A relação entre os hospitalários e a sé bracarense deve ter passado por alguns períodos de conflitualidade, designadamente no que respeitava ao direito de padroado. Se bem que a ordem militar fosse detentora da igreja, por doação de Gonçalo Mendes de Sousa, a confirmação do pároco titular desta abadia estava reservada ao arcebispo de Braga. A disputa resultaria, provavelmente, do facto dos hospitalários reclamarem esta prerrogativa em exclusividade (*in solidum*), em face da posse da sua propriedade, como era, aliás, mais usual, enquanto a diocese de Braga exigiria semelhante ou parcial direito, mediante argumentos que desconhecemos. Ao que parece, a questão acabou por ser solucionada através da partilha do direito de apresentação do pároco (compadroado), passando a ser de alternativa, ou seja, dependendo do mês em que a igreja vagasse, por morte ou resignação do pároco, a apresentação seria de uma ou de outra entidade.

A igreja de São João de Covas foi implantada já na encosta da freguesia, em lugar elevado, lavado, separada das principais al-

deias, ou lugares, longe da agitação social e agrícola.

Antes da grande reforma arquitetónica operada nos meados do século XVII, a igreja de Covas organizava-se e implantava-se de forma diferente da atual. Localizada junto a um caminho, está rodeada de todos os lados pelos passais e pelas casas do clérigo e do caseiro do assento, à exceção do lado norte, por onde passa a referida via que comunica com as povoações limítrofes. A sua fachada, com alpendre, para resguardo e reunião do povo, está voltada a poente e a capela-mor virada para nascente. Para sul nada a obstrui, as suas paredes dealbadas são ponto boreal para todo o vale do Mezio. Para norte é tudo serra, penedia e mato. Circula na memória popular a convicção de ter existido uma igreja primitiva nas proximidades da casa de Fontebela (antigo casal de Pegas)¹. O padre Francisco Peixoto, abade de Covas no início do século XX e eminente historiador que deixou diversos escritos nas páginas do Jornal de Lousada, associou esta tradição a umas pedras faceadas existentes na cozinha velha da referida casa de Pegas. Contudo, não avança com mais dados acerca da hipotética construção que, num passado remoto, teria servido de igreja, nem descreve as ditas pedras, numa época em que teria sido fácil observá-las e caracterizá-las, não restando assim outros dados que suportem esta questão.

Não seria, no entanto, inédito o derrube total de uma velha igreja para, no mesmo lugar, se construir novo templo, aplicando-se os materiais dos escombros em edificações vizinhas. No entanto, importa atender ao que vinha plasmado nas Constituições Sinodais relativamente à mudança da igreja para outro local. Nesse caso, os altares, as imagens e a pia batismal tinham de ser transferidos para a igreja nova, assim como os ossos dos defuntos deveriam

FIGURA 1 Integração atual da igreja paroquial de Covas na paisagem circundante



ser exumados e enterrados no novo espaço cemiterial. No local da antiga igreja seria colocada uma cruz, ou cruzeiro, no lugar onde era a capela-mor ou no sítio do altar principal.

É precisamente de meados do século XVII a descrição mais antiga e que se conhece da igreja. No tomo dos bens da Comenda de Santa Eulália da Ordem (de Malta), realizado em 1645 e que enumerava e inventariava todas as propriedades e direitos nas diferentes freguesias incluídas na comenda, entre as quais se contava a de Covas, consta uma breve caracterização e medição da igreja, da residência e dos passais².

A clareza e objetividade do pequeno texto não deixam margem a dúvidas. A igreja estava orientada canonicamente com a fachada voltada a poente e a capela-mor a nascente. O edifício era constituído por dois espaços principais, nave e capela-mor, medindo, na totalidade, dezasseis metros e meio de comprimento e cerca de 5 metros de largura (1 vara = 1,1m). A capela-mor já era servida por uma sacristia, divisão pouco comum em igrejas rurais desta época³. O templo também estava provido de cabido (ou alpendre) em frente à porta principal e um sino, que, muito possivelmente se erguia acima da empena da fachada. O adro onde estava implantada confrontava de todas as partes com a residência e passais, à exceção do lado norte em que confrontava com o caminho.

Durante a segunda metade do século XVII construiu-se uma igreja nova, demolindo-se a pré-existente. A orientação do templo foi completamente alterada, ficando a fachada voltada para sul, para o vale. A exiguidade do adro impôs muitas limitações a esta nova construção, ficando a porta principal a abrir para uma ribanceira. Esta organização espacial compreende-se se tivermos em conta as determinações sinodais relativamente à reedificação das igrejas. Deveria respeitar-se a orientação canónica, contudo, se a morfologia do terreno não o permitisse, como sucedeu em Covas, a igreja, em alternativa, deveria ficar com o frontispício voltado para sul. Em nenhuma circunstância poderia ficar voltada a norte, que, no caso de Covas, até seria a solução ideal, visto que por esse lado passava a serventia pública mais cómoda para a igreja.

¹PEIXOTO, Francisco A. (Pe.) – “Louzada: sua origem...”. N.º 378, 1 de Novembro de 1914. p. 1. FERNANDES, Luís Ângelo (coord.) – Covas: viagem na história. Louzada: EB1 de Monte Sines, 2007. p. 54. Ambos os autores baseiam as suas notas na memória oral local.



FIGURA 2 Vista geral da igreja paroquial de Covas em 1956.

Sobre a construção desta nova igreja importa atender ao que foi escrito pelo padre Francisco Peixoto logo nos dois primeiros artigos dedicados a Covas integrados na coleção denominada «Louzada. Sua origem e antiguidades» e publicados no Jornal de Louzada. O célebre abade de Covas, primeiro estudioso da história e arqueologia do concelho, menciona a existência de dois manuscritos preservados no cartório paroquial da freguesia. Numa nota de um desses manuscritos (entretanto perdidos) depa-rou-se com a referência a dois padres *que fizeram de novo esta igreja*. Tratava-se dos padres Gonçalo Coelho e João de Meireles Freire que, por meados do século XVII terão custeado as obras de reedificação do corpo da igreja. Em virtude de tão importante obra pia terão obtido o privilégio de receberem sepultura nas campas dispostas sob o arco-cruzeiro⁴.

Cumpramos aqui, ainda que sucintamente, recuperar a memória destes dois importantes beneméritos, para sempre vinculados à história da freguesia. Padre João de Meireles Freire era natural de Covas e o único cargo eclesiástico que lhe conhecemos foi como cura da igreja de Santa Ildefonso, no Porto, entre Agosto de 1650 e Abril de 1656. Instituiu dois legados de missas na Santa Casa da Misericórdia de Penafiel, um em 1655 e outro em

²Arquivo Distrital do Porto. Fundo Monástico. Comenda de Santa Eulália da Ordem. Tombo de 1645. fol. 189v.

³A oportunidade que tivemos ao ler diversos livros de Visitações do século XVII e XVIII para esta região do Sousa e Tâmega, evidenciou precisamente esta realidade. Grande parte das igrejas não tinha sacristia, denotando-se uma preocupação evidente por parte da administração eclesiástica no sentido de prover todas as igrejas com esta dependência, especialmente a partir do início do século XVIII. Os visitantes, dando sequência a esta diligência, ordenam a construção de sacristias um pouco por toda a região.

⁴PEIXOTO, Francisco A. (Pe.) – “Louzada: sua origem...”. N.º 369, 30 de Agosto de 1914. p. 1.

1681, sendo admitido nesta instituição como irmão nobre, onde prestou juramento a 14 de Outubro de 1657⁵. Faleceu em Covas a 24 de Dezembro de 1704, sendo sepultado na sua campa, sob o arco-cruzeiro da igreja. Sobre o padre Gonçalo Coelho sabemos somente que também era natural de Covas, nascido na quinta da Granja, tendo falecido nesta freguesia a 10 de Junho de 1706. Não lhe conhecemos nenhum benefício eclesiástico.

A configuração espacial da igreja não terá sofrido grandes alterações a partir dos finais do século XVII, apenas se acrescentando a torre sineira ao pano nascente da nave. Por isso, o aspeto atual da igreja e da sua envolvente estará muito próximo daquele que era possível observar após a construção de finais de Seiscentos. No processo de restituição de bens culturais à fábrica da igreja de Covas, ocorrido em 1928, consta uma planta, desse mesmo ano, que dá uma perspetiva única da organização do espaço antes das obras que resultaram na demolição da residência e da casa da junta de paróquia e na construção de um salão paroquial⁶.

2. MEMÓRIA PAROQUIAL DE COVAS: TRANSCRIÇÃO

Jozé Alves Ferreira, abbade na igreja de S. Joam de Covas, do Arcebispado Primaz de Braga, certifico em como aos doze dias do mês de Abril do presente anno de mil e setecentos e sincoenta e oito, por ordem do Muito Reverendo Doutor Provizor do Arcebispado Primaz de Braga, recebi um papel impresso em letra redonda com interrogatorios pera responder a elles na forma seguinte. 1. Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado Primaz de Braga, comarca e termo do Porto, freguezia de Sam Joam de Covas. 2. He apresentaçam alternativa da Mitra Primaz e do Venerando Balio de Lessa. 3. Vezi-nhos tem setenta e quatro, pessoas de sacramento cento e sessenta e três, abzentes vinte, menores treze. 4. Está situada ao pé do monte, e se descobre algumas povoações, serras e montes, como a serra de Silvares, o monte de Christellos, couza que nam chega a quarto de

⁵Arquivo Municipal de Penafiel. Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Penafiel. PT/AMPNF/SCMP/C/D/002/lv. 08, fl. 22v-24v; Idem. PT/AMPNF/SCMP/C/D/002/lv. 08, fl. 88-90 v; para a admissão como irmão e respetivo juramento veja-se PT/AMPNF/SCMP/A/B/A/001, Lv. 01, fl. 187; PT/AMPNF/SCMP/A/B/B/002, Lv. 01, fl. 29. Agradecemos à Dra. Paula Sofia Fernandes, diretora do Arquivo Municipal de Penafiel, as desenvolvidas informações que nos disponibilizou.

⁶Sousa, Luís e Cardoso, Cristiano – Paróquia de Covas [São João Evangelista]. Património Religioso. Covas/Lousada: Dalmática Conservação e Restauro. 2015.



FIGURA 3 Perspetiva Este da igreja paroquial de Covas ao presente.

legoa, a villa de Arrifana de Souza, distante legoa e mea. 5. Hé termo da cidade do Porto, concelho de Aguiar de Souza. 6. A parochia está no meio do lugar, pera a parte do Norte. Tem oito lugares, lugar do Granja, lugar de Almedinha, lugar de Rodemunhos, lugar da Costa, lugar do Passo, lugar da [Bougega], lugar do Penedo, lugar da Ribas. 7. O orago hé Sam Joam Evangelista. Tem três altares, o altar mor de que hé orago Sam Joam Evangelista, o altar de Sam Sebastiam, o altar de Nossa Senhora do Rozario. Tem duas naves, a confraria do Santissimo Sacramento, a confraria de Nossa Senhora do Amparo, a irmandade das Almas. 8. O parochio hé abbade, apresentaçam alternativa da Mitra Primaz de Braga e do Venerando Balio de Lessa. Rende trezentos mil reis, pouco mais ou menos. 9. Nam há beneficiados. 10. Nam tem conventos. 11. Nam tem hospital. 12. Nam tem Misericordia. 13. Há três ermidas ou cappellas. Huma de Nossa Senhora do Amparo, no Domingo de Pascoella se festeja, acode bastante gente das vezinhansas, e no discurso do anno alguma mas pouca; hé da freguezia, sita no monte do Amparo. A capella de Nossa Senhora da Vida, que hé do desembargador Jozé Telles de Menezes; acode pouca gente a romage. A cappella de Santa Catherina, do mesmo desembargador; nam acode ninguém a romage. 14. Fica dito. 15. Os frutos da terra são pam de milham, milho miudo, senteio, feijam, e vinho de uveiras verde. Tudo em abundancia, azeite pouco. 16. Tem ouvidor espadano, está sujeito à Relaçam da cidade do Porto. 17. Hé concelho de Aguiar de Souza. 18. Sahio desta freguezia o Doutor Jozé Telles de Menezes, desembargador de presente na Caza de Suplicassam da cidade de Lisboa. Antonio do Couto Ribeiro, sargento mor na villa de Guimarães. 19. Nam há feira nesta freguezia. 20. Nam tem correio.

21. Dista desta freguezia à cidade de Braga, seis legoas e de Lisboa, pouco mais ou menos, setenta. 22. Nam há privilegios de que se faça memoria. 23. Tem fontes bastantes, sem especialidade. 24. Fica distante do mar seis legoas, pouco mais ou menos. 25. Nam tem muros, nem prassa de armas. 26. Nam padeceo ruina no Terremoto. 27. Nam sei mais couza algua a que possa responder. Segunda parte do papel impresso. 1. Há nesta freguezia hum monte alto, que chama de Amparo, por no alto delle estar huma cappella de Nossa Senhora do Amparo, e nam se chama serra, mas monte do Amparo. 2. De comprido terá hum quarto de legoa piqueno, e de largo nam chega a meio quarto. Principia da frente da igreja de Santa Maria de Sousella e acaba junto à freguezia do Salvador de Freamunde, bis[pado] do Porto. 3. Nam tem nomes. 4. Nam nascem rios alguns no dito monte, somente tem algumas agoas, de preza pouca, que correm pera regar nesta freguezia, as quais foram tiradas por minas e curiozidade dos lavradores. 5. Nam tem villas, alguns lugares no principio, que são de caza e orta, em que vivem pobres. 6. Nam tem fontes, senam as ditas prezas. 7. Nam há que responder. 8. As plantas são carvalhos, e subereiros, nem tem ervas medecinais. Nam se cultiva senam quando se tapa algum pedasso do monte, se cultiva de mato para estrume. 9. Nam tem mosteiros, nem igrejas. 10. Hé seco e frio. 11. Nam há criaçam de gados, nem de outros animais. Tem cassa lemitada de coelhos, levres, perdiz. 12. Nam tem lagoas, nem fojos. 13. Nam sei mais que possa dizer. Terceira parte. 1. Há um regato, que chamam o rio de Cortinhas, que parte com a minha freguezia e a de Santa Eulallia da Ordem, o qual hé lemitado, que de Inverno leva agoa bastante, e de Veram muito pouca, que passa em qualquer parte a pé. Este tem seu principio em huas fontes de Sam Christovam dos Milagres, sito na serra de Santa Agueda, em hum valle ao pé da serra, que da freguezia de Santa Maria de Sousella. 2. Nasce como fica dito nam caudelozo, só com inchentes. 3. Nam entram outros rios nelle, elle se ajunta a outros na freguezia de Sampaio de Cazaes e na de Neovigilde. 4. Nam hé navegavel. 5. Hé de curso arrebatado, com inchentes. 6. Corre da parte do Norte inclinado à parte do Sul e Poente. 7. Cria peixes que chamam trutas, escalos e vogas poucos, e alguma enguia. E de tudo pouca abundancia. 8. Nam tem pescarias particulares, e só no tempo que corre lhe armam nassas, cada hum onde lhe parece, e também redes, que chamam tralhos. 9. Nam há que responder. 10. Nam tem cultivaçam, tem ao pé das bordas arbores de amieiros, salgueiros, ubeiras, castinheiros, com vides. 11. Nam tem virtude alguma. 12. Nesta freguezia e nas vezinhansas

nam tem outro nome, senam de Cortinhas, que tem hum ponte de paio. E logo abaixo no lugar de [Carrezeda] outra ponte de pão. E vai correndo pera a freguezia de Sam Paio, aonde se ajuntam outros regatos, e dahi pera a de Neovigilde, onde está hum ponte de pedra, que chamam ponte de Lagoas. E dahi caminha por diante. E nam há memoria que tenha outros nomes, só me dizem se chama o rio Mezio. 13. Vai morrer a outros rios e delles pera o mar. 14. Tem levadas e assudas pera moer muinhos e regar campos e lameiros. 15. Fica dito. 16. Tem muinhos, e nam tem lagares de azeite, nem noras, nem outro algum engenho. 17. Nem neste tempo, nem em outro se tirou ouro das areas delle. 18. Uzam os povos livremente das agoas, e nam tem pençam particular, senam de suas fazendas. 19. O regato ou rio desta freguezia, que bem das fontes de Sam Christovam dos Milagres, acaba no rio Souza, daqui legoa e meia, e vai correndo pellas freguezias de Sam Paio de Cazaes, e de Neovigilde, e de Beire athé se meter no rio Souza, onde finda. Hé do que posso informar e responder aos interrogatorios impressos que recebi com hum ordem do Muito Reverendo Senhor Doutor Provizor do Arcebispado Primaz de Braga, o que fiz e assignei com os dous parochos mais vezinhos desta freguezia, o abbade de Santa Maria de Souzaella, deste Arcebispado, e o reitor de Santa Eulallia da Ordem do Izento de Malta, deste Arcebispado, que comigo assignaram. Hoje Sam Joam de Covas, 16 de Maio de 1758. De Vossa Mercê menor subdito. O abbade de S. Joam de Covas, Jozé Alves Ferreira. O abbade de Santa Maria de Souzaella, Sebastião Pinto de Macedo. O reitor de Sancta Eulalia de Ordem, Pantaleam Machado de Abreu Silva.

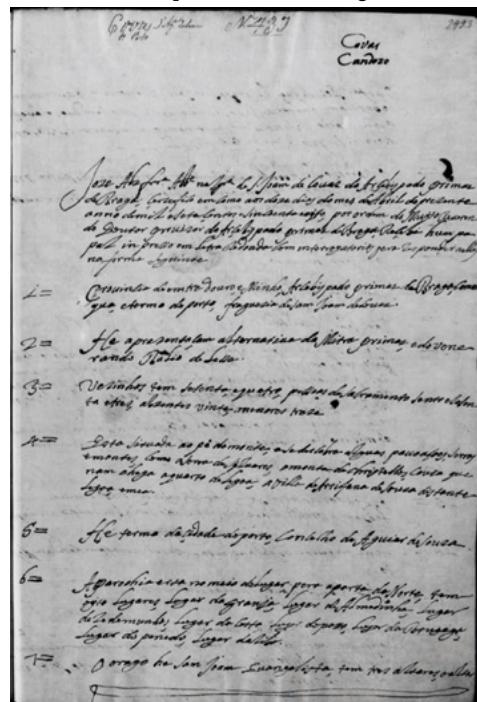


FIGURA 4 Folha de rosto da Memória Paroquial de Covas.